

SEXUALIDADE INFANTIL: DA CURIOSIDADE Á APRENDIZAGEM

Katia Maria Segura Moraes¹
Antonia Angelina Basanella Utzig²

RESUMO

Este estudo realizado sob o título "Sexualidade Infantil da Curiosidade a Aprendizagem" visa compreender como ocorre o processo de sexualidade na vida da criança, mostrando as características da sexualidade infantil de zero a seis anos de idade. Tema esse que conforme os filhos crescem, o medo de muitos pais aumenta. Principalmente quando os pequenos chegam à fase do por que e começam a fazer perguntas mais complexas e com explicações um tanto embaraçosas: de onde vêm os bebês, como se faz um bebê, como ele entrou na barriga da mãe, etc. Na verdade, essa fase é apenas um trecho do desenvolvimento da sexualidade. Ainda que muitos pais e professores não aceitem ou desconheçam essas informações, é na infância que cada ser humano constrói as bases que sustentam os elementos centrais da sexualidade. Através de pesquisas bibliográficas e análises dos Parâmetros Curriculares, chegaremos a orientações de como pais e professores devem aproveitar as dúvidas dos alunos e filhos para transformá-las em conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade, Infância e Curiosidade.

ABSTRACT

This study under the title "Child Sexuality in Learning Curiosity" aims to understand how the process occurs sexuality in the child's life, showing the characteristics of infantile sexuality from birth to six years old. The theme that as children grow older, the fear of many parents increases. Especially when the small reach the stage of why and start asking questions most complex and somewhat embarrassing explanations: Where do babies come from, how to make a baby, as he entered the belly of the mother, etc. In fact, this phase is only an excerpt of the development of sexuality. While many parents and teachers do not accept or unaware of this information is in childhood that every human being builds the foundations that support the core elements of sexuality. Through literature searches and analyzes of Curriculum, will get guidance on how parents and teachers should take advantage of the doubts of the students and children to transform them into knowledge.

KEYWORDS: Gender, Children and Curiosity.

¹ Graduada em Pedagogia-Professora do 2º ano da Educação Básica e aluna do curso de Especialização em Educação Infantil - katiasegura123@gmail.com

² Professora Mestre e Administradora da referida faculdade FAEST e orientadora do presente trabalho - toninha1970@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta o tema “Sexualidade Infantil: da Curiosidade à Aprendizagem” por ser de suma relevância, pois os avanços de informações estão acontecendo em velocidade luz, assim crianças e adolescentes passam a buscar respostas para suas dúvidas, porque viu no desenho, na novela, na internet ou até mesmo na escola, alguma situação que despertou sua sexualidade, essa discussão vem ao encontro desses desafios, com o mundo tão tecnológico e informatizado, professores e pais devem encarar a maré e aprender surfar as diferenças de tempo, ter uma relação de dialogo aberta sobre sexualidade e sexo.

Através de pesquisas bibliográficas, entenderemos no primeiro capítulo por que pais e professores encontram-se despreparados para o enfrentamento do tema sexualidade? Não sabendo eles que a sexualidade está no corpo, no sentimento, no olhar, no pensamento e está totalmente relacionada aos desejos, expressões, afetividade e não há como fugir. A única forma é ensinar, responder ao nível de criança, com clareza e exatidão, pois ao perguntar alguma coisa para nós, a criança, primeiro sentiu confiança, e essa confiança não deve ser quebrada com uma resposta estúpida ou infantilizada, pois a criança não é boba, muitas vezes já possui a resposta e quer apenas nos testar SILVA, 2004.

O segundo capítulo mostra as fases do desenvolvimento sexual da criança de 0 a 6 anos, um conhecimento fantástico e encantador, um guia didático para o professor entender a sexualidade de forma nata e singular, levando em consideração que todos nos passamos por cada uma dessas etapas, e muitas vezes fomos punidos ou repreendidos por apenas querer conhecer melhor o nosso próprio o corpo, não vamos errar com nossos alunos nem constrange-los, para isso devemos nos informamos, um professor que busca conhecimentos específicos, cresce por dentro e por fora e ainda planta uma sementinha de sabedoria em uma terra fértil que o coração de uma criança. Que sejamos mestres apaixonados e entusiasmados, assim como foi Paulo Freire, um professor apaixonado coloca-se como mediador, relacionando as trocas de conhecimento com o aluno, não se mostrando superior nem

inferior a ele, acreditando que o processo do conhecimento se dá de dentro para fora, tanto de quem aprende como de quem ensina.

Hoje as crianças ficam mais tempo na escola do que em casa e isso significa uma deficiência no quesito afetividade, sobra muita responsabilidade para a escola e assim o jugo passa a ser desigual, sobrecarregando-o. O professor não pode assumir o papel da Educação Sexual, o ambiente familiar é o ponto primário da relação direta com seus membros, onde a criança cresce, atua, desenvolve e expõe seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições, onde ela tira seus primeiros modelos de vivência e a base para formação de sua personalidade (SOUSA, 2008). E nesse terceiro capítulo, mostraremos que o papel da família é a Educação Sexual e qual será o papel da escola? A sexualidade infantil, deve estar como tema interdisciplinar, onde em qualquer momento que se fizer necessário o professor deve trabalhar com seus alunos. Sabendo respeitar os conhecimentos prévios, crenças e cultura. Como a Orientação Sexual da escola não está proposta para substituir ou concorrer com a educação da família, a escola ao constituir o seu projeto, o seu currículo e a sua forma de orientar sexualmente, deve conhecer as necessidades e buscar a participação dos pais na formação sexual dos alunos. Trabalhar unido com a família é a melhor forma de evitar conflitos, o diálogo é primordial para um processo cognitivo.

1SEXUALIDADE: DA CURIOSIDADE Á APRENDIZAGEM

Sabemos sobre a importância dos estudos de Freud, que ainda no início do século passado, mostrou a existência da sexualidade na infância, a criança possui uma curiosidade natural, quer saber a respeito de sua origem e das dificuldades emocionais decorrentes quando ela não tem suas dúvidas respondidas, os tabus e preconceitos dificultam que pais e educadores respondam adequadamente as essas manifestações das crianças.

A sexualidade está presente em nossas vidas antes mesmo de nascermos, surge quando os pais desejam ter um filho, quando o embrião foi fecundado numa relação sexual, em que supomos que o casal experimentou o

prazer, a partir de então descobrem que estão esperando um bebê, o imaginário materno e paterno começa a constituir, idealizar e sonhar com esse bebê, será menino ou uma menina? Qual será a cor dos olhos? Seus cabelos?

A sexualidade é construção das primeiras experiências afetiva com o bebê e a mãe e com o pai, passando a agregar as relações da família, dos amigos e as influências da própria sociedade. Quando nascemos nossa percepção é apenas sensorial, nosso corpo também, é através dele que sentimos o mundo, o toque do banho, na amamentação, os carinhos, os olhares, faz com que a criança sinta muito prazer, fazendo com que a criança sinta a vida, a partir de então, são desenvolvidas as primeiras sensações, que será o início das respostas eróticas, da capacidade de sentir de querer aprender.

Queria muito estudar, mas não podia porque nossa condição econômica não o permitia. Tentava ler ou prestar atenção na sala de aula, mas não entendia nada, porque a fome era grande. Não é que eu fosse burro. Não era falta de interesse. Minha condição social não permitia que eu tivesse educação. A medida que comia melhor, comecei a compreender melhor o que lia. Foi aí, precisamente, que comecei a estudar gramática, porque adorava os problemas da linguagem. Eu estudava filosofia da linguagem por conta própria, preparando-me, aos 18 ou 19 anos, para entender o estruturalismo e a linguagem. Comecei, então, a ensinar gramática portuguesa, com amor pela linguagem e pela filosofia, e com a intuição de que deveria compreender as expectativas dos estudantes e fazê-los participar do diálogo. Em algum momento, entre os 15 e os 23 anos, descobri o ensino como minha paixão". (FREIRE, 1989, p.23).

Para favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem de nossos alunos, é necessário paixão e entusiasmo um exemplo desses foi Paulo Freire, um professor apaixonado coloca-se como mediador, relacionando as trocas de conhecimento com o aluno, o processo se dá de dentro para fora, tanto de quem aprende como de quem ensina. A criança deve se sentir acolhida, o espaço escolar deve ser criativo, dando espaço e recursos inconscientes, liberdade para que o aluno seja criativo, curioso, questionador, dando espaço para a aprendizagem, tanto do aluno como do professor. Esse é o desafio para aquele que tem a paixão de formar, construir e criar uma situação lúdica, como jogos e brincadeiras que estimulam e favorecem o processo cognitivo do aluno, lembrando das palavras de Rubens Alves, que fala da curiosidade sexual da

criança, o desejo de saber sobre algo tão inquestionado, mostrando uma realidade de muitos adultos que passaram por isso.

A gente aprendia por conta própria, movido por uma curiosidade incontrolável. Só tardiamente descobri que meu pai era um mentiroso. Eu nada sabia sobre os fatos da vida e corria atrás dos galos machistas que subiam nas costas das galinhas segurando-as pela crista. Perguntei ao meu pai porque os galos assim batiam nas galinhas e ele me respondeu que, com certeza, era punição por alguma mal criação que tinham feito o que me convenceu, em definitivo, a jamais fazer mal criações. A cena está absolutamente clara na minha mente, como se fosse agora: eu agachado diante de um ninho onde uma galinha se esforçava por botar um ovo: imóvel, não se perturbava com a minha proximidade, olhos arregalados, o esforço era demais, e no orifício traseiro, róseo, o ovo que aparecia. (...) A gente aprendia olhando e pensando os objetos que habitavam o mesmo espaço que nós. E foi assim que eu, equivocadamente, elaborei um princípio pedagógico que diz que aprendizagem acontece no espaço habitado, espaço onde criança, sensações. Sentimentos, bichos, coisas, ferramentas, cenários, situações, pessoas e atividades acontecem e formam um mundo. Eram os objetos do cotidiano, a gente não precisava de enciclopédia para fazer pesquisa. Pesquisa se fazia com os cinco sentidos e a curiosidade. Segundo o que penso, e seguindo minha filosofia da aprendizagem, o corpo aprende apenas aquelas coisas com as quais está em contato. A aprendizagem é uma função do viver. A gente aprende para sobreviver e para melhor, com alegria. Mas a vida tem a ver com a relação direta do corpo com o seu meio. Por isso a aprendizagem começa com sentidos: o ver, o ouvir, o cheirar, o tocar e o gostar. Para os que só pensam com o auxílio de citações (...) (ALVES, 1997, p.105).

Fica bem claro que na citação de Rubens Alves como os pais mentiam, para enganar as crianças, usando a armadilha do poder citado no primeiro capítulo, o poder de resposta do pai o ajudava para intimidar o menino, que quem faz mal criações sempre tem consequências e por isso o galo subia nas costas das galinhas teimosas. A criança em sua forma de pensar é muito inteligente e estrategista, a criança quando não sente segurança na resposta obtida, ou quando não acredita no que o pai disse, ela vai sozinha atrás da resposta que a satisfaça, “A gente aprendia olhando e pensando os objetos que habitavam o mesmo espaço que nós” ALVES (1997), o olhar é o primeiro passo que provém a investigação, e assim a curiosidade aflora, trazendo como resposta a aprendizagem. Tudo o que está ao nosso redor é objeto de aprendizagem, o contato com o real é a maneira mais ampla do processo

cognitivo, por esse motivo o conhecimento é bem maior quando podemos sentir, tocar, cheirar, os sentidos dão valor a busca da sabedoria.

2 CARACTERÍSTICAS DA SEXUALIDADE INFANTIL DE ZERO A SEIS ANOS DE IDADE.

Este capítulo tem por finalidade mostrar as fases do desenvolvimento sexual de crianças de 0 a 6 anos, entender realmente a sexualidade infantil requer algo muito além do conhecimento do processo sexual, é preciso associá-la ao desenvolvimento emocional como um todo, bem como as preocupações de gênero.

No princípio da década de 80, a discussão sobre a construção da cidadania já incluía, mesmo que timidamente, a questão da sexualidade humana como exercício de direito que poderia ser expresso de muitas maneiras. O debate em torno das reivindicações femininas se propagava e nos obrigava a refletir sobre as relações de gênero e os papéis de homens e mulheres naquele momento crucial da sociedade brasileiro. (CASTELLO, 2001, p. 50).

Hoje ainda discutimos muito sobre a revolução sexual, é algo complexo, até para gente grande, e não adianta fugirmos do sexo, ou das relações que nos liga a ele, além disso, a vida, a natureza, o trabalho, pode estar repleto de prazer, portanto o prazer não está só na relação sexual.

A sexualidade começa desde a gestação, ao nascer o bebê perde a tranquilidade do útero materno lugar protegido onde nada falta e chegar em mundo estranho e frustrador no qual ele vai ter que aos poucos se adaptar, e por sua vez a mãe, deve permitir que o bebê possa lidar com suas fantasias, seus desconfortos, porque ele nasce com praticamente nenhum recurso para lidar com o mundo externo, a mãe é sua guia, seu anjo da guarda.

[...] a mãe transforma a turbulência emocional do bebê, tolerando em si a angústia do filho, nomeando-a de forma a ser tolerável para ele e oferecendo algum sentido. Só então o bebê torna-se capaz de armazenar, simbolizar, pensar e sonhar sobre tais experiências (SILVA, 2004, p.53).

Ao relatar sua fala Maria Cecília Silva, explica como a mãe é fundamental para o processo de desenvolvimento do bebê, ela permite a alfabetização de seus sentidos e principalmente da auto exploração do conhecimento de seu próprio corpinho.

A teoria do desenvolvimento sexual foi basicamente construída por Freud, em seu livro “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” sua primeira fase se desenvolve quando ainda somos bebês, vivemos a fase oral, onde a boca é a região do corpo na qual mais temos prazer, principalmente o prazer de comer e de falar, além de que a boca é a forma de conhecer o mundo. “Ele experimenta o mundo pela boca, e põe tudo nela” (SILVA, 2004 p.54).

A partir de um e meio e dois anos o bebê vive na primazia da zona anal, ou seja, o controle dos esfíncteres gera grande prazer nas crianças, pois as fezes e urina representam suas primeiras produções.

As vivências da fase anal oferecem á criança a primeira possibilidade de controle ativo, sobre si mesma e também sobre o mundo que a rodeia, por meio dos primeiros produtos que ela consegue identificar como seus (SILVA, 2004 p.54).

A experiência da fase anal deve ser muito bem explorada pelos pais e pelos professores, porque nessa fase a criança já pode ter a origem da estruturação da autonomia, o cocô e o xixi passam a ser a fantasia, considerando um poder mágico, posso prender e fazer na hora que eu quiser de repente a mãe pede para fazer no penquinho, e a criança prefere nas calças, motivos de muitas risadas para o bebê e raiva para a mãe.

Na idade de três anos, surge a fase fálica, que quando as crianças não nos param de fazer perguntas, entre a popularidade essa é a fase dos por quês? O que? Pra que? Como faz isso? De vem isso? Como é aquilo? E

quando menos esperamos no meio de tantos por quês, vem às perguntas que nos trancam a garganta.

Um menininho de pouco menos de três anos passou semanas perguntando á sua mãe, a cada tanto, como se fazem montanhas, carros, arvores, televisão, nuvens, casa, e variadas outras coisas que se tornavam objeto de sua atenção. Esta curiosidade irrestrita culminou, num dia, com a seguinte pergunta: “Mamãe, como se faz gente pequenininha?” (SILVA, 2004 p.55).

A curiosidade sexual da criança se manifesta através da perguntas e manifestações como, por exemplo, levantarem a roupa, ficar se olhando no espelho pegando nas genitais ou tentando ver o do outro, elas não devem serem repreendidas com tapas ou expressões fortes de repreendimento, bem pelo contrario, devem ser atendidas com clareza, mansidão e suas perguntas respondidas. Assim despertará a capacidade de aprendizagem, e o desenvolvimento do processo cognitivo.

Bebel, de três anos, vivia atrás dos meninos na escola, principalmente de um que ela mais gostava e não perdia a oportunidade de abaixar-lhe as calças. Ao ser interrogada por que abaixava as calças do amigo ela, rindo e com certa vergonha disse: “É que o dele é pequeno e o do meu pai é grande!” (SILVA, 2004 p.56).

Nessa fase a criança também possui um autodomínio sobre o pai, a mãe ou a professora, tem ciúmes da mãe com o pai ou vice-versa, essa etapa é chamada por Freud de “Vivência e Conflitos”, tudo é muito difícil de compartilhar principalmente se for filho único, se for o primeiro ano na creche, tudo é inteiramente dele principalmente pai e mãe, seu mundo consiste nas pessoas mais próximas, ela sente muito ciúme do relacionamento entre os pais e se sente excluída. Ela demonstra isso através do desejo de introduzir-se no quarto de dormir ou na cama dos pais, por meio da dificuldade para dormir, ou na tentativa de ficar mais perto de quem ela ama.

A maior parte das crianças de três anos chupa um dedo, um lençol ou um cobertor quando vai dormir, essa é boa dica para os pais e educadores,

porque isso ocorre como um apoio, quando se sentem cansadas ou tristes, em outras palavras podem estar dizendo: “ainda sou um bebê”, os objetos possuem muita ligação com a fantasia do bebê, porque pode representar uma parte da mãe, do pai, ou do irmão em um momento onde eles não estão.

Segundo Maria Cecília (2004) é muito importante entender a pergunta da criança antes de responder, dar uma resposta cientificamente correta, do tamanho da pergunta. Muitas vezes a criança já possui uma resposta errônea, devemos corrigir e responder sempre, nem que seja para dizer que não sabemos. Nunca responder além, se a criança fez uma pergunta simples, responder somente o que ela perguntou, existem pessoas que querem explicar de uma só vez, antecipar algo que ainda não é do interesse nem do nível de raciocínio da criança. É interessante lembrar que a criança confia em quem ela escolheu para perguntar seja educadora, pai, mãe, amigo e que não sejamos nós a pessoa que irá frustrar a fértil imaginação da criança, com respostas tolas ou mal elaboradas.

Aos quatro anos, geralmente a criança tem consciência da sua identidade sexual, ou seja, homem ou mulher. Nessa fase já estabelece limites entre eu e outro, possui sua linguagem ampliada e sua audição ativa, é comum ouvir nessa idade a criança falando sozinha, tem sua imaginação aguçada, possui muito medo e por isso tem seu super herói para lhe defender.

A criança nessa idade tem seus amigos imaginários, podem ser outras crianças, um animal, um personagem de desenho, filmes etc, o importante nesse período é a brincadeira, ela inventa estória, coloca personagens e sempre imita um adulto.

Nessa idade as crianças começam a compreender o que é ser homem ou mulher, menino ou menina. Os meninos se identificam com o pai e querem se parecer com ele, as vezes serem ainda melhores, tendo rivalidade com o pai, em querer o lugar para cuidar da mãe. Por sua vez as meninas começam a copiar a mãe, suas roupas, calçados de salto alto, maquiagem, e tudo que a deixem mais mulheres possíveis. A principal brincadeira é mamãe e papai, a relação imaginária passa a buscar um papel real, como por exemplo:

Um garoto de quatro anos dizia á sua mãe, com certa frequência, o quanto desejava ser um rei e viver em um castelo. Um dia a mãe

resolve perguntar por que queria tanto isso, e ele lhe responde: “Porque se eu fosse o rei, eu poderia fazer você virar uma rainha e me casaria com você e teríamos muitos filhos e viveríamos felizes para sempre!” (SILVA, 2004 p.65).

Está muito presente o medo de perder alguém amado, nessa idade, a criança tem medo de ficar abandonada, sozinha, por isso ainda precisa de contos de fadas, porque os contos expressam suas próprias ansiedades, respondendo situações concretas com respostas imaginárias, resolvendo suas ansiedades em torno da magia.

3 O QUE É TAREFA DOS PAIS E O QUE CABE Á ESCOLA

Sexualidade é um processo que nos acompanha por toda a vida, o conjunto de tudo aquilo que recebemos de nossa família, ouvimos, vemos e sentimos. É um processo de formação que deve se acompanhado: sanando dúvidas, orientações infantis até o questionamento do jovem, cada resposta, repreensão e orientação, vai dando forma ao conceito de sexualidade, que cada um de nos carregamos. As principais formas de aquisição de conhecimento sobre a sexualidade estão em:

- Educação Sexual; os agentes são os pais, os amigos, a TV, as revistas, a religião e todos os veículos da cultura que transmitem valores e informações. Ela pode ocorrer de modo informal ou formal, essa forma de educação social ocorre durante toda nossa vida, porque aprendemos com o cotidiano e podemos dizer que todos os dias acumulamos informações sexuais, principalmente através da mídia. Mais a maior preocupação é que algumas informações podem ser errôneas, inerentes ou pejorativas.
- Orientação Sexual; é o processo formal, isto é, sempre planejado e sistematizado, acontece sempre em um ambiente específico como a sala de aula, posto de saúde, ou em lugares de palestras etc. e os

agentes são educadores ou profissionais da saúde, que são pessoas preparadas para esse assunto.

Diferente do que muitas vezes se pensa, aos pais cabe a educar sexualmente, e à escola orientar, respeitando os valores e crenças de cada família.

(...) o papel da escola é abrir espaço para que essa pluralidade de concepções, valores e crenças possa existir, não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece, antes, caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias (GAMBALE, 2004 p.144)

Compreenderem e respeitar devem ser o papel da escola e do professor, criar e elaborar metodologias, técnicas, estratégias com uma postura pedagógica crítico transformadora, para que a criança passe pelas fases de evolução de sua sexualidade de forma que sua vida afetiva se estruture de modo sadio. Ajudar a criança a encontrar uma forma de satisfazer seus impulsos a superar as tensões do ambiente, favorece um ajustamento do indivíduo consigo mesmo, livrando-o da ansiedade que desvia suas energias, inclusive dos estudos. Para que tal resultado seja alcançado à escola é orientada a propor um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões. Com esse trabalho a escola terá efeitos positivos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais mostra a importância da orientação sexual na escola, mostrando que essa precisa se constituir da seguinte forma: a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a Orientação Sexual incluída na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores do trabalho, evitando assim alguns conflitos com os pais ou responsáveis.

No diálogo entre a escola e as famílias, pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de ideias entre esta e as famílias. O apoio dos pais aos trabalhos desenvolvidos com os alunos é um aliado importante para o êxito da Orientação Sexual na escola (BRASIL, 1988, p. 304).

Enfatizando aqui o diálogo entre a escola e a família que é muito importante, não há como melhorar a educação sem que a família não esteja presente, pois como já mencionado é necessário que a escola, assim como a família, saiba o que acontece com seu filho, porque ambos são responsáveis.

Em se tratando de escola e família, podemos chegar à conclusão de que a escola tem realmente grande importância educacional na formação do ser social. Portanto, a parceria escola e família são necessárias para que juntas atuem como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando.

A proposta dos PCN's é trabalhar sexualidade de temas transversais, abranger os anos iniciais e se organizar da seguinte forma:

- Corpo: matriz da sexualidade
- Relações de gênero.
- Prevenções às doenças Sexualmente Transmissíveis.

Assim a orientação sexual deve se focar para que os alunos, sejam capazes de:

- Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade.
- Compreender a busca de prazer como uma dimensão saudável da sexualidade humana.
- Conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária.
- Reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra as discriminações.
- Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou explorativos.
- Reconhecer os conhecimentos mútuos como necessário para usufruir de prazer numa relação a dois.
- Agir de modo solidário em relação aos portadores de HIV.
- Conhecer e adotar prática de sexo protegido, ao iniciar relacionamento sexual.

- Desenvolver consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade.

Sendo assim, é de muito valor que a Orientação sexual exista e que esteja amparada por documentos como Parâmetros Curriculares Nacionais, no qual é proposto que a participação da família seja efetiva para a construção desta orientação escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término de um trabalho dessa natureza é que se percebe como é grande a necessidade de se discutir e programar a Educação Sexual na escola. A partir desse estudo tivemos a oportunidade de perceber que orientação sexual e educação sexual não são iguais. No que se refere à Orientação sexual, entendemos que são as ações que acontecem dentro da escola. Essa que se encontra dentro da educação, que é mais abrangente, em que cabe as ações de todas as instituições educativas da sociedade.

Percebeu-se durante esse trabalho a importância que a família tem diante da educação sexual da criança, portanto, não se pode descartar de forma alguma seus valores éticos e morais, mesmo sendo eles os mais absurdos do ponto de vista do professor. Até porque este deve se preservar quanto aos seus valores sexuais, perante uma orientação.

Diante do despreparo da família provocado pelo atual contexto social para lidar com as manifestações da sexualidade da criança, a escola assume mais esse importante papel; contudo, para que isso ocorra, faz-se necessário investir na formação de pais e professores e não apenas no professor de ciências, mas de todos que convivem com os alunos.

Os PCN's deixam claro que a função da escola é transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, contribuindo para o pleno desenvolvimento do educando. Nesse sentido é preciso que a escola se reformule, avalie, reveja seu papel, especialmente no que diz respeito a sua relação com a família, pois não há possibilidade para uma educação em pleno século XXI caminhar desvinculada da família.

Mesmo as escolas sabendo da existência de um documento que a ampara, esta parece tapar os olhos, ignorar a sexualidade da criança, afinal a sexualidade já nasce com a criança. Mas não podemos deixar de colocar na conclusão desse trabalho o fato de não ter condições de o professor atuar de forma a educar sexualmente a sua criança, sem ter qualquer formação, seja ela na graduação ou na formação continuada. Falando nisso, cabe dizer que esse trabalho partiu do interesse sobre o assunto de duas pessoas que não conseguem entender como um professor em uma graduação não tem preparo algum em se tratando de orientação sexual.

A importância dessa formação para o professor é imensurável, pois sabemos que o professor pode matar um aluno tanto quanto um médico pode deixar morrer um paciente.

REFERENCIAS

ALVES, R. **E aí? Cartas aos adolescentes e seus pais**. Campinas, Papirus/Speculum, 1999.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais; pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FELTRIN, Marisa Soares Gonçalves. **Educação sexual: Uma proposta de ensino**. Criciúma: Dias, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade I; a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

GAMBALE, Carina Alvares. **O trabalho de sexualidade na escola e os pais. Casa do psicólogo**. São Paulo, 2004.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios, teorias e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas, São Paulo, 2001.

REIS, M.G.S. **A sexualidade e os escolares da educação fundamental: entre a vontade de saber e o cuidado de si**. ANPED 23º reunião anual, 2000.

SILVA, Maria Cécilia Pereira da. **Sexualidade começa na infância**. Casa do psicólogo. São Paulo, 2004.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Orientação sexual: conscientização, necessidade e realidade**. Curitiba, 1999.

SUPLICY, Marta. **Papai, mamãe e eu**. São Paulo, FTD, 1990.